

## Sobre o drama do fim

*Les vrais paradis sont les paradis qu'on a perdus*<sup>1</sup>

*Prof. Dr. André Marcelo M. Soares*<sup>2</sup>

É comum pensarmos a morte como uma etapa situada ao final de uma vida longa. Provavelmente, isto acontece porque tememos o fim e tudo o que é inerente a ele. Entretanto, a cada instante morremos um pouco e os momentos vividos tornam-se irrecuperáveis. Assim, experimentamos gradualmente o sentido da perda e do sofrimento. Como afirma a *escatologia neoescolástica*, com a morte tem fim nossa peregrinação neste mundo.<sup>3</sup>

Apesar da realidade que se impõe, a espécie humana, no decurso da história, desenvolveu, com astúcia, formas para dissimular o pavor que sente da morte. Realmente, perder entes queridos, lugares aprazíveis e objetos materiais conquistados com esforço não é algo fácil de aceitar. Por isso, acreditar que, mesmo após a morte, será possível conviver com os vivos é, para alguns, um grande alento frente ao vazio deixado pelas perdas. Outros apostam na ciência como saída para garantir uma vida sem doenças e sem fim.

Não são poucos os que, mesmo diante da morte iminente, preferem negá-la. Como observa Elisabeth Küble-Ross em sua experiência de comunicar diagnósticos de doenças fatais: “a negação, ou pelo menos a negação parcial, é usada por quase todos os pacientes, ou nos primeiros estágios da doença ou logo após a constatação, ou, às vezes, numa fase posterior”.<sup>4</sup>

Mas porque isto acontece? De acordo com a Dr.<sup>a</sup> Küble-Ross:

Há muitas razões para se fugir de encarar a morte calmamente. Uma das mais importantes é que, hoje em dia, morrer é triste demais sob vários aspectos, sobretudo é muito solitário, muito mecânico e desumano [...]. Morrer se torna um

---

<sup>1</sup> PROUST, M., *Le temps retrouvé*, p. 177.

<sup>2</sup> Doutor em Teologia pela PUC-Rio. Secretário-geral da Academia Fides et Ratio (AFR); membro honorário da Academia Brasileira de Medicina de Reabilitação (ABMR), membro titular da Academia Niteroiense de Letras (ANL), membro efetivo do Centro de Estudos de Bioética – CEB (Portugal), coordenador do CEB-Polo Rio de Janeiro e coordenador da Comissão de Bioética da Casa de Saúde São José – Rede Santa Catarina (COBI-CSSJ). Professor do Departamento de Teologia da PUC-Rio e do curso de Medicina da Universidade Castelo Branco (UCB).

<sup>3</sup> NOCKE, F.-J., *Escatologia*, p. 401.

<sup>4</sup> KÜBLE-ROSS, E., *Sobre a morte e o morrer*, p. 44.

ato solitário e impessoal porque o paciente, não raro, é removido de seu ambiente familiar e levado às pressas para uma sala de emergência”.<sup>5</sup>

As negações não são suficientes para apagar a única realidade incontestável em nossa existência: somos *seres para a morte*.<sup>6</sup> Desde o primeiro instante da nossa vida, somos cercados por diversas possibilidades de morte: doença, fome, violência e toda a sorte de acidentes inesperados. Apesar das tentativas de dissimulação, não é possível ocultar “aquilo que é marca de nosso estranho destino sobre a terra, aquele fato sem explicação que iguala tudo o que é vivo num só rebanho de condenados, porque tudo o que é vivo morre”.<sup>7</sup>

A morte não deve ser compreendida como um momento diante do fim, mas como um direcionamento a ele. É neste sentido que o fim atravessa toda a nossa existência. Portanto, a morte é um modo de ser que o humano assume enquanto existe, mesmo quando não o faz autenticamente. O *fim*, em questão, não equivale ao aniquilamento ou ao desaparecimento, mas à própria finitude. Afinal, o sentido autêntico da morte é a finitude que se manifesta na cotidianidade da existência<sup>8</sup>. Em outras palavras:

A existência autêntica é aceitar o fato de nosso ser para a morte como nossa possibilidade mais radical [...]. Deste modo recobra a liberdade, desligando-se das ilusões do viver perdido no cotidiano e confrontando-se com uma “apaixonada e angustiada liberdade para a morte (Freiheit zum Tode)”.<sup>9</sup>

É verdade que quando tratamos de morte sempre o fazemos a partir da morte de alguém.<sup>10</sup> Por este motivo, nossa reflexão sobre ela é alusiva e imperfeita, porque não encaramos o *morrer* (processo de morte) como parte inerente da própria vida. É fato que “não podemos olhar o Sol o tempo todo”,<sup>11</sup> do mesmo modo que “não podemos encarar a morte o tempo todo”,<sup>12</sup> mas é mentalmente saudável e até mesmo considerado natural, em algum momento, pensar sobre o fim.

Curiosamente, se por um lado a morte é ignorada, por outro, é, paradoxalmente, buscada como alívio do sofrimento derradeiro ou punição para delitos incorrigíveis. Não se trata da redescoberta do seu genuíno sentido. O que ocorre, na verdade, é um reducionismo resultante da sua instrumentalização. Neste

---

<sup>5</sup> KÜBLE-ROSS, E., Sobre a morte e o morrer, p. 11-12.

<sup>6</sup> HEIDEGGER, M., Ser e tempo, §46.

<sup>7</sup> SUASSUNA, A. V., Auto da compadecida, p. 97.

<sup>8</sup> HEIDEGGER, M., Ser e tempo, §51.

<sup>9</sup> URDANOZ, T., Historia de la filosofía, p. 537.

<sup>10</sup> HEIDEGGER, M., Ser e tempo, §47.

<sup>11</sup> KÜBLE-ROSS, E., Sobre a morte e o morrer, p. 44.

<sup>12</sup> KÜBLE-ROSS, E., Sobre a morte e o morrer, p. 44.

contexto, encontram-se os atuais debates sobre eutanásia, suicídio medicamente assistido e pena de morte. Não é difícil perceber a distância que existe entre o sentido da morte, somente alcançado pela experiência autêntica da vida, e a *perspectiva utilitarista* que a trata como “solução” jurídica e “remédio” para doenças incuráveis.

Mesmo correndo o risco de ser repetitivo, é fundamental não perder de vista que a *vida boa* não é sinônimo perfeito de uma existência sem tribulações. Do mesmo modo, *boa morte* não significa, necessariamente, morrer sem sofrimentos. Ao fazer esta afirmação, não se quer defender uma morte dolorosa, mas, simplesmente, recordar a importância da *humanização do processo de morte*, que, em determinados casos, está intrinsecamente associada à utilização de cuidados paliativos capazes de eleger adequadamente os meios proporcionais (EV, 65).<sup>13</sup>

Recusar a morte como pena, também não significa abonar crimes hediondos. Eliminar um problema não é resolvê-lo. Defender a destruição de pessoas como solução é, na realidade, assumir o fracasso da tarefa de tornar o mundo mais humano e relativizar o quinto mandamento (CCE, 2267). Papa Francisco adverte:

Há duas situações extremas que podem chegar a apresentar-se como soluções em circunstâncias particularmente dramáticas, sem se dar conta que são respostas falsas, não resolvem os problemas que pretendem superar e, em última análise, nada mais fazem que acrescentar novos fatores de destruição no tecido da sociedade nacional e mundial. Trata-se da guerra e da pena de morte (FT, 255).<sup>14</sup>

Se ao longo da história a morte foi instrumentalizada como condenação judicial, certamente se deve a *dureza do coração humano*. Pois diz o mandamento: “não matarás” (Ex 20, 13). Embora o ser humano se permita tirar deliberadamente a vida de um semelhante, não há prerrogativas neste sentido (CCE, 2307). Deus não se rejubila com a morte. Como proclama Ireneu de Lion: “a glória de Deus é o homem vivo”.<sup>15</sup>

A banalização da morte se revela como banalização da vida, sobretudo quando assistimos à espetacularização da violência cotidiana, o prazer pelo risco, os simulacros de vida feliz nas páginas de Internet e o desespero humano em meio ao caos produzido por extremismos.

Em uma composição musical da década de 1980, intitulada *Miséria*,<sup>16</sup> os compositores Paulo Miklos, Sérgio Britto e Arnaldo Antunes escrevem: “o Sol não

---

<sup>13</sup> JOÃO PAULO II, PP. Carta encíclica *evangelium vitae.*, p. 147-168, 174.

<sup>14</sup> FRANCISCO, PP. Carta encíclica *fratelli tutti.*

<sup>15</sup> IRINEU DE LYON. *Adversus haereses*, P. 7, 1037.

<sup>16</sup> A composição surgiu em *Ô Blésq Blom*, quinto álbum de estúdio da banda brasileira de rock Titãs, lançado em 16 de outubro de 1989 pela WEA.

causa mais espanto. A morte não causa mais espanto”. Poeticamente, os compositores chamam a atenção para o fato de que nem a vida (“o sol não causa mais espanto”) e nem a morte são capazes de fazer o homem perceber que a miséria se instalou muito além das realidades materiais.<sup>17</sup> Nosso mundo tornou-se insensível à vida e, conseqüentemente, à morte.

Rompendo com a lógica deste tempo, que faz tudo perder seu sentido, a *escatologia cristã* ensina que a morte de Jesus dá sentido à nossa morte (2Cor 5, 8; Fl 1, 21). Mesmo determinada historicamente, Sua encarnação possui significado universal<sup>18</sup> e, por este motivo, Seu sacrifício transforma nossa vida com a esperança da ressurreição (Ef 1, 20). Deste modo, já não há temor na morte, a qual Francisco de Assis, no *Cântico das criaturas*, chama de irmã: “louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã a *morte corporal*, da qual homem algum pode escapar. [...]. Felizes os que ela achar conformes à Tua santíssima vontade, porque a *morte segunda* não lhes fará mal!”.

O temor do sofrimento e da morte, apesar de humanamente compreensível, pode ser sintoma da falta de esperança. No século VI a.C., o Rajá Śuddhodana tentou proteger seu filho, o Príncipe Siddhārtha Gautama, escondendo dele a doença, a velhice e a morte. Do mesmo modo, a sociedade contemporânea tem criado recursos que a afasta cada vez mais daquilo que é fundamental para que o humano seja verdadeiramente humano. O problema é que quanto mais nos afastamos da nossa humanidade, mais inconsistente se torna nossa compreensão sobre a criação, a cruz e a vida eterna.

## Referências bibliográficas

- CALIPARI, M. **Curarse y hacerse curar**: entre el abandono del paciente y el encarnamiento terapêutico. Buenos Aires: EDUCA, 2007.
- FRANCISCO, PP. **Carta encíclica fratelli tutti**. Brasília: Edições CNBB, 2020.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Parte II. Petrópolis: Vozes, 2004, §46.
- IRINEU DE LYON. **Adversus haereses**. IV, 20, 7: SC 100, 648 (PG 7, 1037).
- JOÃO PAULO II, PP. **Carta encíclica evangelium vitae**. São Paulo: Paulinas, 1995
- NOCKE, F.-J. Escatologia. In: SCHNEIDER, T. (Org.). **Manual de dogmática**. Vol. II. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 401.

---

<sup>17</sup>SOARES, A.M.M.; BORGES NETO, R.S. Ética e religião. Rio de Janeiro: Real Engenho, 2019, p. 64.

<sup>18</sup>SCHILLEBEECKX, E. Revelação e teologia. São Paulo: Paulinas, 1968, p. 365.

PROUST, M. **Le temps retrouvé**. Paris: Gallimard, 1989, p. 177.

SUASSUNA, A.V. **Auto da compadecida**. Rio de Janeiro: Mediafashion, 2008.

URDANOZ, T. Historia de la filosofía. Vol. VI. Madrid: BAC, 1988, p. 537.

SOARES, A. M. M.; BORGES NETO, R. S. **Ética e religião**. Rio de Janeiro: Real Engenho, 2019.

SCHILLEBEECKX, E. **Revelação e teologia**. São Paulo: Paulinas, 1968, p. 65.

KÜBLE-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 44.

***André Marcelo M. Soares***

Doutor em Teologia pela PUC-Rio. Secretário-geral da Academia Fides et Ratio (AFR); membro honorário da Academia Brasileira de Medicina de Reabilitação (ABMR), membro titular da Academia Niteroiense de Letras (ANL), membro efetivo do Centro de Estudos de Bioética – CEB (Portugal), coordenador do CEB-Polo Rio de Janeiro e coordenador da Comissão de Bioética da Casa de Saúde São José – Rede Santa Catarina (COBI-CSSJ). Professor do Departamento de Teologia da PUC-Rio e do curso de Medicina da Universidade Castelo Branco (UCB).